



Acta Scientiarum. Education

ISSN: 2178-5198

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Herold Junior, Carlos

'O nosso progresso caminha pelos pés das nossas crianças sadias e instruídas!': representações
sobre infância, educação e sociedade em Guarapuava (1930-1960)

Acta Scientiarum. Education, vol. 35, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 57-67

Universidade Estadual de Maringá

Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303326113007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



‘O nosso progresso caminha pelos pés das nossas crianças sadias e instruídas’: representações sobre infância, educação e sociedade em Guarapuava (1930-1960)

Carlos Herold Junior^{*} e Edaniele Cristine Batista Machado

*Departamento de Pedagogia, Universidade Estadual do Centro Oeste, Rua Salvatore Renna - Padre Salvador, 875, 85015-430, Guarapuava, Paraná, Brasil *Autor para correspondência. E-mail: carlosherold@bol.com.br*

RESUMO. Este trabalho analisará as representações sobre a infância e a educação em Guarapuava-PR no período de 1930 a 1960. Baseados em jornais publicados na cidade durante o período, dividimos as reflexões em duas partes: 1) na primeira parte, estudamos as questões que foram levantadas em torno da criança e que tocavam a vida cotidiana das famílias; 2) depois, investigamos as representações diretamente ligadas à educação escolar que essa atenção à criança proporcionou às diferentes maneiras com que os redatores/leitores dos jornais analisavam seu próprio contexto educacional. Como conclusão, pudemos enxergar a relevância da infância no modo como as transformações sociais da cidade foram entendidas por homens e mulheres que pensavam os limites e as possibilidades da educação então existente.

Palavras-chave: história da educação, educação infantil guarapuavana, Paraná.

‘Our progress goes through our healthy and instructed children’: representations on childhood, education and society in guarapuava (1930-1960)

ABSTRACT. This paper aims at analyzing the representations on childhood and education in Guarapuava-PR in the period 1930 to 1960. Based on newspapers published in the city during the period, we divided the text in two parts: 1) firstly, we studied the issues that were raised around the child and which touched the daily lives of families, 2) then, we investigated the representations directly related to school education that the child care provided to the different ways in which writers / readers of newspapers analyzed their own educational context. In conclusion, we could see the relevance of childhood in the way social transformations of the city were understood by men and women who thought the limits and possibilities of education then existing.

Keywords: history of education, child education in Guarapuava, Paraná.

Introdução

A ênfase em recortes temáticos regionalizados para se pensar a história da educação brasileira tem sido assumida com frequência pela pesquisa educacional. No Paraná, com a expansão dos cursos de Pós-Graduação em Educação e das linhas de pesquisas que focalizam aspectos históricos das práticas e instituições educacionais, assiste-se a um aumento quantitativo e qualitativo sobre a educação na história de vários municípios paranaenses. Todavia, essa ênfase ainda não ocorre sistematicamente de modo a contemplar as possibilidades empíricas colocadas por algumas regiões. Herold Junior (2007) nota que em Guarapuava a história educacional não havia recebido, até então, a atenção de que poderia ser alvo, considerando a importância da cidade na formação da Província/do Estado do Paraná e a

existência de uma importante base documental para os estudos histórico-educacionais. Entre essa constatação (HEROLD JUNIOR, 2007) e os dias atuais, vários trabalhos foram publicados para reverter essa situação ou, pelo menos, tentando criar condições para que essa reversão ocorra (HEROLD JUNIOR, 2011; ANTONOVICZ VICENTIN; HEROLD JUNIOR, 2012; HEROLD JUNIOR, 2012).

Com o fito de colaborar com esse processo de aprofundamento da reflexão sobre a história educacional da região centro-oeste do Paraná, redigimos este estudo. Ele objetiva analisar a infância e a educação no contexto guarapuavano do século XX, mais especificamente entre 1930 e 1960. O foco temático proposto, além de ser devedor dos encaminhamentos teóricos originados no âmbito da história da educação, é também sustentado no jogo

entre possibilidades (KUHLMANN JUNIOR; FREITAS, 2002; KUHLMANN JUNIOR, 2010) e limites (WARDE, 2007) existentes nos estudos sobre a história da infância.

O recorte temporal utilizado justifica-se por nele ter ocorrido processos importantes para a história educacional do Paraná, e, também, para a educação de Guarapuava, pois foram nessas décadas que boa parte das estruturas educacionais da cidade se formou (AMARAL; HEROLD JUNIOR, 2010).

Do ponto de vista documental, este trabalho apoia-se em jornais circulantes na cidade durante o período em tela. Esses jornais formam acervos localizados em arquivos particulares¹ e públicos². Para guiar a escolha e o estudo das fontes, utilizamos como descriptores ‘infância’, ‘criança’, ‘educação infantil’ e ‘educação das crianças’. Com essas escolhas, além dos aportes temáticos oriundos do campo da história da infância, acompanhamos uma relevante tendência nas pesquisas atualmente feitas, sobretudo, pelos estudiosos da história da educação. Schelbauer e Araújo (2007) endossam essa importância, afirmando que

[...] as pulsões contemporâneas em torno da pesquisa histórico-educacional têm eleito também a imprensa como fonte e objeto seus (SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007, p. 5).

Ainda de acordo com os autores, isso é compreensível, considerando que

[...] se a educação é uma prática social que se estrutura a partir do que é veiculado pela cultura, a imprensa tem seu lugar na educação dos homens em sociedade (SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007, p. 5).

Teoricamente, o esforço metodológico consistiu em verificar as especificidades da temática na cidade de Guarapuava, sem perder de vista sua inserção em um movimento mais amplo que toca dimensões estaduais, nacionais e mundiais, concernentes à infância e a sua educação. Para concretizar esse cuidado teórico, um importante apoio foi encontrado nas análises de Chartier (2002), especialmente no conceito de ‘representação’. Ele é importante, pois durante as análises que faremos, permite-nos considerar:

[...] a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a

sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostaria que fosse (CHARTIER, 2002, p. 19).

Como resultante da análise desse material empírico e a partir das considerações teóricas acima apresentadas, elaboramos a estrutura deste texto, composta de duas partes: 1) na primeira, investigamos a relação entre a educação da criança e o anseio pelo progresso e modernização da cidade de Guarapuava, manifesta em problemas e circunstâncias educacionais existentes na cotidianidade das ruas e no interior das famílias; 2) na segunda, elencamos a ‘problemática do menor’ discutida nas possibilidades de superá-la a partir dos esforços para a construção de uma estrutura educacional adequada às necessidades formativas da criança guarapuavana.

Os problemas no trato da criança guarapuavana: pensando as condições para o progresso

No Brasil, a partir dos anos 1920 e 1930, a educação escolar da infância passa a ser objeto de grande atenção por parte da sociedade. Nesse período, o país estava se modernizando, havendo, entre outras coisas, um crescimento na demanda da mão de obra feminina no mercado de trabalho. Além disso, como lembram Paschoal e Machado (2009), com a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, os movimentos operários ganharam força e começaram a se organizar nos centros urbanos industriais para reivindicar melhores condições de trabalho, dentre elas, a criação de instituições de educação e cuidados para seus filhos. Dessas reivindicações e mudanças sociais que ampliaram a participação da mulher no mercado de trabalho, resultou o aumento da necessidade por escolas de educação infantil do Brasil. Por essa razão, considerava-se que o atendimento à criança para além do que ocorria no âmbito privado de cada família possibilitaria a superação das precárias condições sociais às quais ela estava sujeita, levando à defesa de uma educação vista como compensatória desses problemas (PASCHOAL; MACHADO, 2009). Como resultante dessas inquietações, o atendimento à infância passa a demarcar um tempo de constituição de uma ‘nova criança’: aquela a ser escolarizável (KUHLMANN JUNIOR, 2010).

Com efeito, esse resultado de transformações sociais que ocorre no País também se manifestou entre 1930 e 1960 em Guarapuava. Inserindo-se nesse movimento amplo da sociedade brasileira, construiu-se no contexto guarapuavano representações que se pautaram pela defesa da necessidade de se escolarizar a criança: “Só a Educação abre perspectiva de progresso. Só ela, pois, prepara para o caminho do futuro grandioso que espera o Brasil” (EDUCAÇÃO...,

¹Neste estudo, utilizamos documentos encontrados no acervo que pertencia à professora Julia de Santa Maria Pereira. Com o falecimento da referida professora em outubro de 2011, o acervo foi transferido ao ‘Centro de Documentação e Memória’ da Unicentro. Também foram importantes os jornais consultados na Casa Benjamin Teixeira, organizados e disponibilizados para consulta por Murilo Walter Teixeira.

²Centro de Documentação e Memória, localizado na Unicentro, Guarapuava.

1954a, p. 1). Mesmo que se faça menção a um movimento que o ‘Brasil esperava’, para os guarapuavanos era a sua cidade que estava sendo sacudida por uma onda modernizante, que clamava por mais educação:

Guarapuava, que a cerca de cento e quarenta anos teve uma vida praticamente estabilizada, sem maiores progressos, que não o do aumento natural de sua população, viu-se de pouco anos, incluída entre as cidades progressistas do Brasil (PROBLEMAS..., 1956a, p. 1).

Essa inquietação com a educação escolar ecoa esforços políticos e sociais existentes na cidade e que primavam pela necessidade de ‘modernizar’ (AMARAL; HEROLD JUNIOR, 2010). É nesse contexto que a indústria madeireira ganhou força na região, além de se observar a chegada da estrada de ferro e o alargamento do comércio na cidade: “Para Guarapuava dos anos 1920 a 1950, significava, antes de tudo, o renascimento” (TEMBIL, 2007).

Nesse ínterim, uma das ações mais relevantes relacionadas à modernização da cidade foi a construção de um olhar atento às crianças. Nas décadas em questão, percebemos a luta pela criação de escolas tanto na região central como no meio rural de Guarapuava, assim como discursos preocupados com a formação de professores, a valorização do ensino infantil e a alfabetização das crianças em idade escolar. Essas posturas indicavam que o cuidado com a educação das crianças deixava ser um aspecto restrito aos círculos familiares.

Muito relevante para isso foi a preocupação da sociedade em denunciar problemas cotidianos observados no que tange à infância, fortalecendo a inquietação de se construir uma atenção mais detalhada, um olhar mais esquadrinhador, a serem dirigidos às crianças da cidade.

O desamparo e o abandono infantil como problemas

Inicialmente, vemos no período estudado preocupações relativas à ‘criança desamparada’. A ‘vadiagem infantil’ colocou-se como problema, o que levou muitos a se preocuparem com a necessidade de ‘limpar a cidade’ da baderne e do mau comportamento dos ‘moleques’.

A primeira iniciativa pública para proteger a criança pobre veiculada nos jornais da cidade é encontrada no dia 15 de dezembro de 1935 no jornal ‘A Cidade’ sobre a notícia da fundação do ‘Serviço de Proteção à Maternidade e à Infância’ em Guarapuava/PR (FOI..., 1935b). Passados mais de dez anos, o ‘problema do menor’ ainda era alvo de críticas, como as que encontramos em uma coluna

intitulada ‘Um Problema Social e a sua Fisionomia’ publicada no jornal ‘Folha do Oeste’ do dia 13 de março de 1948. Nela, o professor Francisco Carneiro Martins refletia sobre a assistência à infância, afirmando ser este um tema que desafiava pensadores, pedagogos, sociólogos e administradores. O que todos eles procuravam era ‘desatar o nó’ da questão relativa aos menores enfermos, abandonados e delinquentes:

[...] sem dúvida a criança representa o lastro das gerações que desdobram o fastígio das Pátrias. [...] o problema se impõe e clama solução em todos os pontos habitados do nosso território, pela necessidade de promovermos uma infância física moralmente sadia, que amanhã possa colaborar eficientemente nas funções que emanam e sustentam a democracia (UM PROBLEMA..., 1948a, p. 1).

Francisco Carneiro Martins mencionava as iniciativas realizadas durante o governo de Manoel Ribas para assistência à ‘criança desamparada’, quando foram fundados asilos, escolas de capatazes e de trabalhadores rurais, escolas primárias, postos de higiene e puericultura. Dirigindo seu crivo ao governo de Moysés Lupion, o professor apontava que o problema foi novamente posto em foco e que a cidade de Guarapuava necessitava da criação de um abrigo para menores, sendo que o tal abrigo seria mais uma etapa vencida na defesa da infância e adolescência abandonadas. Na mesma ocasião, ele pediu a colaboração da população para se evitar a frequência dos filhos menores de idade pelas ruas à noite, em praças, bares e ‘lugares inapropriados’. A infância abandonada e vulnerável significava, ao mesmo tempo, uma ameaça à sociedade e às próprias crianças. Por isso, nesse contexto, elas eram vistas como necessitadas de amparo e proteção.

Vitório Euclei Cleve Franklin também escreveu sobre o problema da delinquência infantil, para o jornal ‘Folha do Oeste’ do dia 21 de fevereiro de 1954. Ele apontou as causas do problema, observando que tanto nas grandes capitais como nas cidades do interior, nas vilas e nos povoados da zona rural, era comum se encontrar crianças ‘desajustadas’, ‘sem laços com a sociedade’, transgredindo ‘leis de moral e encaminhando-se para o mundo do crime’ (EDUCAÇÃO..., 1954a). Foram responsabilizadas as más companhias, a falta de ‘ambiente psicológico’ no lar, o cinema, a literatura infantil e a própria imprensa mal orientada como fatores que levavam a infância e a juventude ao crime. Com isso à frente, o redator recomendava vigiar, rigidamente, as condições de vida da infância e da juventude, através dos serviços sociais dos juízes de menores, mas, sobretudo, através dos próprios

pais. Assim, ele acreditava poder evitar o encaminhamento dos menores aos reformatórios.

Nessas e em outras ponderações, a criança pobre era lembrada, porém, não como o futuro do Brasil, mas como problema: “[...] um problema complexo que desafia a argúcia da autoridade e de educadores” (O PROBLEMA..., 1957a, p. 1). Era constatado que, à medida que as sociedades evoluíam, era mais difícil resolver o problema relativo aos menores abandonados que perambulavam pelas ruas da cidade. Avaliava-se que pais e mães não repreendiam seus filhos em casa, deixando-os à mercê dos maus exemplos existentes em ambientes prejudiciais à estrutura moral de uma personalidade em formação. Diante desse tipo de explanação, ecoava-se, constantemente, um apelo aos pais: que educassem seus filhos na disciplina e na obediência, para que, mais tarde, esses mesmos pais não viessem a ser dominados por aqueles que geraram.

Outra explicação para a situação de delinquência dos menores apontava que a criança, desde muito cedo, era levada por seus impulsos a cometer atos impróprios. No entanto, a educação em seu mais amplo sentido “[...] dará a ela o senso crítico que permite a cada criatura distinguir o certo do errado” (OS MENORES..., 1957b, p. 1). Afirmava-se, também, que as condições ambientais impediam a evolução psicológica favorecendo a satisfação do impulso desenfreado de tudo criticar, devendo a educação familiar proceder por meio do difícil equilíbrio entre gratificação e punição. Todavia, na maioria dos casos de delinquência infantil, os pais estariam desviados da postura correta e seus filhos, consequentemente, encaminhar-se-iam à criminalidade. A busca pela ‘postura equilibrada’ raramente presente era ampliada, no final das contas, pela mesma ausência percebida no Estado: “[...], portanto, devemos tratar o menor criminoso e recuperá-lo da melhor maneira possível. E sentir, afinal de contas, que a culpa maior cabe ao Estado” (OS MENORES..., 1957b, p. 1). Meses depois, foram publicadas ideias que se colocam como um resultado lógico dessas ponderações:

[...] A grandeza de um povo enfraquece, quando esse povo se descuida de sua infância. Cada criança abandonada ao seu destino representa um tesouro perdido. As crianças precisam mais de exemplos do que conselhos. A criança é o começo do homem; e o começo é a metade do todo. A doce infância aparentemente fraca à nossa vista, carrega nos seus braços o porvir. Pensa bem no que seria o mundo se os homens fossem bons como as crianças. A criança anuncia o homem como a alvorada anuncia o dia. A infância é a esperança e a garantia do lar e da Pátria (SEMANA..., 1957c, p. 6).

Alertava-se sobre a importância de educar a criança, de cuidar da sua saúde e alimentação, da responsabilidade dos pais e da sociedade em formá-la para o futuro: “[...] cada criança abandonada na rua é um cidadão perdido para a Pátria” (SEMANA..., 1957c, p. 6). Fica explícito nessas representações o ideal de cidadão, instruído e saudável. Também se explícita as implicações que o abandono da infância teria no insucesso de se formar esse ideal.

A relação entre a educação moral da criança e a família era uma constante nos discursos analisados. Como resultado, vemos nessas constatações a construção da ideia de que para contornar esses problemas era necessário o Estado e a família assumirem-se como responsáveis pela ‘delinquência infantil’ desenvolvendo uma postura cotidianamente mais atenta ao futuro daquelas crianças e ao futuro da cidade na qual elas, até então, apenas ‘perambulavam’.

A educação infantil no interior das famílias guarapuavanas

Por isso, as discussões em torno da educação da criança não visavam somente ao seu ingresso na vida escolar, mas também a educação que acontecia no círculo familiar e que era relativa às instruções e aos cuidados com que as mães e os pais deveriam educar e formar seus filhos. Defendia-se que o lar conciliava a educação moral e cívica, e nele a mãe de família, por meio de seu comportamento, seria a responsável pela educação moral dos filhos. Já o pai, em parceria com a mãe, assumiria a educação social ou cívica. Como resultado desse pensamento, a responsabilidade da mulher (mãe) seria muito maior na educação que ocorria no âmbito doméstico, ao passo que ao homem (pai) era dada a missão da educação voltada ao ambiente público ou social. Entretanto, havia aspectos delicados no período de iniciação da criança, sobretudo, aqueles em que ela vivia muito mais na rua do que na escola ou no próprio lar, “[...] no momento em que o espírito maleável do educando se deixa influenciar por maus elementos que solapam a educação dos pais” (RESPONSABILIDADE..., 1937, p. 2).

Quanto à saúde da criança, também sob a responsabilidade da mãe, encontramos a partir da edição do dia 8 de abril de 1956, ainda no jornal ‘Folha do Oeste’, uma coluna dedicada aos cuidados com a saúde e a higiene das crianças pequenas. Nela, eram indicados os cuidados com a alimentação, com o banho, com o desenvolvimento e saúde dos bebês, com o objetivo de auxiliar as mães no trato com a criança pequena. Na coluna, as informações eram apresentadas

como resultados de ‘pesquisas científicas’, mostrando contrariedade com antigas ‘crenças’ e ‘superstições’ que, até então, guiavam o tratamento das doenças infantis através de remédios caseiros e ritos religiosos.

Indicava-se às mães que elas educassem seus filhos desde o primeiro mês de vida de acordo com as regras de higiene, explicitando a defesa da responsabilidade atribuída às mães, aos pais e aos professores para com a educação da criança. A realização dessa responsabilidade seria fundamental para a formação de um bom cidadão no futuro. A mãe, por ter maior contato com a criança desde a mais tenra idade, era colocada como possuidora da maior influência na formação e no aperfeiçoamento da personalidade do filho. As regras a serem observadas serviam como um ‘manual de comportamento’ para educar os filhos dentro do lar, evitando que eles viessem a se tornar ‘choramingas, nervosos, exaltados, vingativos ou humilhados’, ou seja, comportamentos que não contribuiriam para a sua educação e, consequentemente, para a realização das ambições educacionais de um contexto que almejava modernizar suas estruturas sociais e econômicas.

Já sobre a ‘saúde psicológica’ da criança, lemos um texto em que a autora apresenta-se como ‘bióloga educacional’ (FESTEJOS..., 1960). Nele é defendida a importância da imaginação das crianças, suas brincadeiras, as curiosidades, as brigas, os prazeres e as alegrias, destacando a naturalidade de suas ações e a necessidade de os adultos as respeitarem. Argumentava-se que esses fatores eram relevantes para o desenvolvimento infantil. Observamos um discurso em prol do desenvolvimento da criança, referindo-se tanto ao desenvolvimento fisiológico quanto psicológico, destacando a importância de se considerar e colaborar com este momento da vida da criança. Esse momento era visto como de aprendizagem, o que servia como uma advertência aos pais e aos professores sobre a importância de uma boa educação, levando em conta que a formação fosse baseada no respeito e no entendimento do que, de fato, era ser criança.

Sobre o dever do pai, lemos o texto “Pela educação da infância – A rua”, um excerto retirado do livro *Cuore*³, e publicado no jornal ‘A Cidade’ em 8 de dezembro de 1935 (PELA EDUCAÇÃO..., 1935a, p. 1). Trata-se de um diálogo entre pai e filho a caminho da escola, no qual o pai aconselha o filho sobre como se comportar na rua. O discurso do pai está baseado no respeito com o próximo quanto à diversidade cultural, social e fisiológica, além do amor e respeito pela pátria, a qual o filho obediente

deveria acatar, sem a menor hesitação. Tratava-se de formar uma conduta patriótica utilizando-se um livro escrito no século XIX, mas que ainda servia para ilustrar as páginas de um Jornal dos anos 1930 em uma ‘cidade interiorana’ vivenciando um momento de desenvolvimento socioeconômico.

Sobre a educação moral da criança, o jornal ‘Folha do Oeste’ inaugurou no dia 5 de janeiro de 1941 a ‘Pagina Juvenil’ (QUE..., 1941a). Tratava-se de um espaço dirigido às crianças e aos jovens, com a intenção de ‘auxiliá-los, encorajá-los e guiá-los’. A coluna era composta por diferentes seções: ‘História da Semana’; ‘O que é preciso para Aprender’; ‘Vida Esportiva’; ‘Caixa de Perguntas’ (concurso das melhores respostas); ‘Você já Sabia?’. Nelas, o redator endereçava-se às crianças como ‘Tio Juvêncio’. Elas eram seus ‘sobrinhos’, o que indica a intenção de abordá-las de forma carinhosa ou familiar, ambicionando convencê-las a praticarem virtudes necessárias.

Não somente nessa coluna, outro problema formativo que colocou em evidência a inquietação social com a infância em Guarapuava foi o trato da sexualidade. O País, na década de 40, estava desenvolvendo uma campanha de educação sexual voltada a toda sociedade e em especial às crianças. Em Guarapuava, essa campanha foi amplamente noticiada. A edição do dia 10 de agosto de 1941 do jornal ‘Folha do Oeste’ (A EDUCAÇÃO..., 1941c) trouxe na segunda página um texto intitulado ‘A Educação Sexual das Crianças’ escrito pelo Dr. José de Albuquerque, membro do ‘Serviço Especial do Círculo Brasileiro de Educação Sexual’. Nele, falou-se sobre a importância dos pais responderem corretamente às perguntas dos filhos quanto à maternidade e às diferenças fisiológicas entre meninos e meninas. O que se defendia era que eles não fossem deixados a aprenderem por si só, ou com os ‘criados’, questões tão relevantes quanto às que diziam respeito à sexualidade. Caso contrário, acreditava-se que elas poderiam acabar se expondo física e moralmente, o que acabaria sendo muito prejudicial não somente à criança, mas a toda sociedade.

Relacionado aos procedimentos maternos e paternos sobre o desenvolvimento sadio da sexualidade dos filhos, estava a precisão em bem elogiar os acertos ou criticar erros cometidos pelos pequenos. Os pais eram advertidos sobre os elogios feitos à beleza e à inteligência dos filhos. Era avaliado que o melhor seria se neles fossem estimulados a honestidade, a diligência e o altruísmo, realçando as iniciativas e ações dignas, úteis e generosas: “Em vez de louvar os dotes físicos das crianças, gabe-lhes os atos de trabalho, amor ao próximo e a honradez” (PRECEITO..., 1947, p. 2).

³Cuore: Diário de uma criança é uma obra literária escrita pelo italiano Edmundo de Amicis em 1886 e que conheceu um grande sucesso na virada do século XIX ao século XX.

Na década seguinte, o jornal ‘O Combate’ também publicou reflexões sobre a importância da educação infantil no interior das famílias, sinalizando a existência de um olhar ‘público’ sobre a privacidade dos lares. Em 26 de novembro de 1951, o professor Zigmónt Grabarski em sua coluna ‘Ensino e Educação’, publicou o texto intitulado ‘Educação Difícil’ (EDUCAÇÃO..., 1951c). Em suas reflexões, o professor perguntava por que era mais complicado educar as crianças no seu presente do que no tempo de seus pais e avós. Ele apontava que na década de 50 elas estavam sujeitas a uma série de influências, tentações, sugestões e desejos que não ameaçavam os ‘pequenos de antigamente’.

As crianças eram as mais prejudicadas com aquela situação, afirmava o professor. Afinal, elas ficavam à deriva nas ruas, sujeitas às más companhias, aos maus exemplos, a uma linguagem eivada de gírias e palavrões. Outro ponto também observado é a influência ‘perniciosa’ da imprensa. Ele criticava, principalmente, o cinema, as revistas, os gibis e até a literatura infantil. Nelas, o senso moral andaria ‘ofuscado’, sendo ela a base de muitas das dificuldades de se educar, sensatamente, os filhos. A solução para esse problema o professor Grabarski encontrou no escotismo, que naquele momento não estava ativo na cidade. Argumentava ele que o escotismo seria capaz de prevenir e até curar muitos dos males dessa natureza. O escotismo foi assumido como uma escola de educação moral, física e espiritual, na qual estaria a solução para os males de uma ‘educação tão difícil’ (EDUCAÇÃO..., 1951c, p. 4).

A partir dos fragmentos que aqui analisamos, notamos que a criança foi alvo de grande atenção por parte dos redatores e leitores dos jornais. Essa preocupação se manifestou na observância do comportamento infantil e da sua educação. Por isso, escolarizar a infância era visto por muitos como uma ação necessária não somente para as crianças, mas para a família e para toda sociedade guarapuavana.

A educação escolar da criança como condição do progresso

Na cidade de Guarapuava, durante as décadas de 30 a 60, observamos a formação de um discurso voltado à escolarização da criança pequena, elaborado por médicos, jornalistas, intelectuais, professores, religiosos e políticos. Para divulgar essa intenção, eles utilizavam, além dos pronunciamentos políticos em solenidades como festas escolares e religiosas, também os jornais.

Essa importância do mundo escolar pode ser observada na frequência como os eventos que aconteciam nas escolas eram noticiados nos semanários. No mês de junho de 1930, ocorreu na cidade a ‘Semana da Educação’, em comemoração ao

ano letivo das escolas públicas. E no dia 1º de junho, o jornal ‘Correio do Oeste’ publicava em sua coluna ‘Pela Instrução’ (SEMANA..., 1930a) a programação das comemorações do Dia da Criança, dentro das quais estava a participação das crianças do Jardim de Infância, expondo ao público seus trabalhos e brinquedos. Na semana seguinte, o mesmo semanário noticiava a festa que havia se realizado no Teatro Santo Antônio, onde estiveram presentes mais de 500 pessoas, entre elas os professores, diretores, pais, alunos, políticos e religiosos.

No dia 27 de junho de 1930, foi publicado no mesmo jornal um ofício recebido pelo Diretor do Grupo Escolar Visconde de Guarapuava, professor Amarílio Rezende de Oliveira, e que fora expedido pelo Diretor Geral do Ensino, Hostilio de Souza Araújo (PELA INSTRUÇÃO..., 1930b). Nele, parabenizou-se o ‘excelente trabalho’ do professor Amarílio Rezende de Oliveira na direção do estabelecimento de ensino, fazendo votos de que ele continuasse na ‘trajetória dignificante’ de preparar os pequeninos, guiando seus passos para o ‘engrandecimento da Pátria’. Em torno destas publicações, este jornal estampava em suas páginas a representação de ser a ‘criança futuro do Brasil’, sobre a qual era depositada a esperança de avanço da cidade e do País, desde que ela fosse devida e corretamente escolarizada.

Outro ponto em torno do qual representações sobre a educação infantil foram construídas, foi o conjunto de comemorações ao Dia da Criança⁴. A divulgação de atividades relativas ao Dia da Criança⁵ era uma oportunidade muito rica de se pensar a sociedade a partir das crianças e de sua educação em Guarapuava.

No jornal ‘O Combate’, do dia 3 de novembro de 1951, encontramos o texto ‘Crianças do Brasil, Crianças’, de autoria da professora Malvina Abid em homenagem à ‘Semana da Criança’ (CRIANÇAS..., 1951b). Em suas reflexões, a professora relacionou o tratamento dado às crianças e as consequências que isso traria para o ‘destino de nossa Pátria’:

[...] quando se ergue o olhar para essa coisa de vertiginosa transcendência, que é o destino de nossa Pátria, automaticamente volvemos os nossos pensamentos para as crianças, para esses homens de amanhã, para esses tesouros incrustados no

⁴Kuhlmann Junior (2010) observa que a definição do dia 12 de outubro como o Dia da Criança ocorreu em 1922, no encerramento do 3º Congresso Americano da Criança, realizado em conjunto com o 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, no Rio de Janeiro. “[...] a instituição de uma data comemorativa em homenagem à criança, semente humana, significaria algo próprio do mundo civilizado e permitiria fomentar a ideia da fraternidade americana entre as crianças” (KUHLMANN JUNIOR, 2010, p. 40).

⁵No período estudado, observamos a ênfase dada às comemorações e as homenagens ao Dia da Criança nos documentos analisados, encontramos e selecionamos um total de 12 artigos referentes a esta temática.

borbulhinho das massas. A infância é a primavera da vida. Deve ela ser cercada de carinho, com os afagos dos deuses mortais, para no futuro ratificarem as tradições da terra de Santa Cruz (CRIANÇAS..., 1951b, p. 1).

A mesma professora, então Diretora da ‘Escola de Aplicação Visconde de Guarapuava’, dois anos mais tarde, anuncia os festejos em comemoração ao Dia da Criança, que seriam realizados para os alunos do educandário. Em homenagem às crianças, a diretora escreveu:

Nada mais justo e sincero homenagear as crianças de hoje, homens de amanhã, a quem será confiado, não só o destino da pátria, mas principalmente o pensamento da coletividade brasileira, nas suas tradições, nas suas esperanças (DIA..., 1953a, p. 6).

Em uma edição de outubro de 1956, além da programação de toda a ‘Semana da Criança’, temos a publicação de um ofício escrito pelo professor Zigmónt Grabarski endereçado à Rádio Difusora de Guarapuava em agradecimento a um texto que foi lido na rádio em homenagem às professoras que organizaram a tal ‘Semana...’:

Sentimo-nos no grato dever de externar à V. S., em nosso nome e no do corpo docente deste Estabelecimento de Ensino, nosso melhor reconhecimento pelos conceitos valiosos emitidos por essa Emissora, em sua ‘Crônica Cidade’, de hoje, em torno das festividades que programamos para comemorar a ‘Semana da Criança’, às quais as nossas dedicadas educadoras estão dando o melhor de seus esforços para, de maneira condigna, fazerem ressaltar uma Semana que é uma homenagem da Pátria, agradecida, ao seu Futuro e à sua Esperança. [...] na época em que vivemos de crise social, crise moral, crise de homens de caráter; em que aos lares falta a solidez necessária e à própria sociedade está abalada em seus alicerces; nesta época, a Escola, ‘apesar dos pesares’, recebendo o sentido rudemente os reflexos desses fenômenos, ainda está de pé, graças ao idealismo dos professores e ao incentivo daqueles que não se deixaram atingir pela ferrugem da corrupção (SEMANA..., 1956b, p. 1).

Diante disso, o professor Grabarski observava a escola ainda sendo uma instituição sólida e inabalável. Ele defendia que, mesmo com tudo se transformando em ruínas na sociedade, ela continuaria vitoriosa e intacta. Todavia, “[...] para isso precisa ser alimentado o idealismo do professorado, seus sacrifícios e sua abnegação reconhecidos e compreendidos” (SEMANA..., 1956, p. 1). Como vemos, o professor Grabarski aproveita o momento das comemorações do Dia da Criança para dar atenção especial à escola, sobretudo, aos professores e à educação da criança que, recebendo em seu dia uma

‘Homenagem da Pátria’, teriam enfatizados seu valor e seu compromisso para com o futuro.

Justificativas mais específicas ao funcionamento do mundo escolar também existiam na hora de se valorizar a educação infantil na escola. Em 3 de agosto de 1930, é anunciado que o Grupo Escolar e o Jardim da Infância da cidade haviam voltado às atividades depois das férias. O anúncio alertava os pais para matricularem as crianças, “[...] pois os alunos que frequentam as aulas desde o primeiro dia letivo são os que mais aproveitam e tiram as melhores notas” (PELA INSTRUÇÃO..., 1930c, p. 1). É o que também encontramos na matéria “Semana Escolar – paes, mandaes os vossos filhinhos ao jardim da infância” (SEMANA..., 1931, p. 1). Nele, sustentou-se e se enumerou os benefícios intelectuais, morais e físicos do jardim da infância por ele lidar com as crianças em um momento chave da existência.

Uma década mais tarde, no ano de 1941, a valorização da educação infantil pode ser lida na denúncia do descaso para com a mesma. Especificamente no dia 13 de abril de 1941, na primeira página do jornal ‘Folha do Oeste’, Lauro Fabrício descreve uma visita que fizera ao Jardim de Infância:

Tivemos há dias o prazer de visitar o Jardim de Infância desta cidade. Trouxemos daquela casa de ensino duas impressões: uma agradabilíssima e imorredoura; e outra, triste e má testemunha dos nossos foros de gente civilizada (JARDIM..., 1941b, p. 1).

O redator se referia ao ambiente do jardim de infância, avaliado como ‘encantador e angélico’, em suma, um ambiente de docura, amor e paciência. Foram descritas, também, as atividades desenvolvidas naquela instituição, como aulas de canto, piano, poesia, conhecimentos básicos de peso, som e exercícios manuais. Sobre as professoras, eram elogiadas a paciência e a habilidade que viu existirem nas educadoras do jardim. Não deixou de enaltecer o ‘inestimável serviço’ que prestavam à causa do ensino os jardins de infância, ao educar e disciplinar as crianças, despertando o amor pela escola. Finalizando, atentou-se para o fato de aquelas crianças serem os “[...] futuros homens e as futuras mães na construção dos lares e da sociedade, avaliando que estavam as professoras prestando um dos mais altos serviços à Pátria” (JARDIM..., 1941b, p. 1).

Quanto à impressão negativa, o articulista se referiu à estrutura física da escola que estaria em péssimas condições, observando que o Poder Público não deveria desconhecer esses fatos, pois

[...] não se deve poupar despesas e regatear verbas na disseminação da escola. Um povo só é verdadeiramente grande quando está perfeitamente difundida sua instrução (JARDIM..., 1941b, p. 1).

Ele ainda sublinhou que a instrução era uma das grandes ‘fontes de renda’, que faria reverter, ‘centuplicados’, para os cofres públicos, o dinheiro despendido com ela.

De fato, ladeando os clamores sobre a importância da educação na formação das crianças guarapuavanas, muito frequentemente encontramos a lamentação sobre uma determinada situação educacional na cidade. Na edição do dia 30 de novembro de 1941, do jornal ‘Folha do Oeste’, sob o título ‘Nova Casa Escolar’, uma coluna escrita pelo Dr. Antônio Lustosa de Oliveira. Nela, é elogiada a iniciativa privada do Sr. Inácio Karpinski,

[...] homem de espírito bem orientado e empreendedor, verdadeiro inimigo da inércia, mandou construir às suas expensas, uma Casa Escolar no lugar Matinhos, distrito desta cidade, onde existe um núcleo regular de crianças que não frequentavam escola (FESTA..., 1941d, p. 1).

No elogio dessa iniciativa nas mãos da esfera privada, deixa-se entrever a crítica de que o Estado não estaria fazendo o necessário para que a escolarização da criança se ampliasse em toda a região.

Em 15 de dezembro de 1946, a primeira página traz uma coluna com o título ‘Pela Instrução Pública’, apontando os problemas enfrentados pelo ensino público na cidade:

Guarapuava possuía, até o ano de 1941, um único e antiquado Grupo Escolar, ainda construído no governo Xavier da Silva, no ano de 1911. Passados trinta anos, no governo do saudoso Sr. Manoel Ribas, tivemos a satisfação de ver erigindo, nesta cidade, novo e amplo edifício, onde também está instalado, provisoriamente, o Ginásio Estadual. Com a instalação provisória do Ginásio Estadual no mesmo edifício do grupo Visconde de Guarapuava, a infância escolar da cidade está sendo prejudicada por falta de espaço, e por isso inibida a zelosa direção do mencionado grupo, de aumentar a matrícula de alunos que necessitam ser alfabetizados (PELA INSTRUÇÃO..., 1946, p. 1).

Dante desse problema, o redator faz um apelo ao Governo do Estado para construir, urgentemente, dois Grupos Escolares. Justificava o pedido dizendo que, caso os prédios não fossem construídos, centenas de crianças ficariam privadas de receber instrução dentro da própria cidade que, nas décadas em foco, era a sede de uns dos mais populosos municípios do Estado do Paraná. Percebe-se que ao

lado da carência de escolas na cidade, a falta de professores capazes de ministrarem o ensino primário às crianças no interior dos distritos guarapuavanas era um dos graves problemas para se erradicar o analfabetismo na região. Essas observações que criticavam essa ausência de realização sustentavam-se na intenção de bem cuidar da ‘infância escolar da cidade’.

Talvez resultante desse conjunto de reivindicações, dois anos mais tarde temos na segunda página do jornal Folha do Oeste, no dia 19 de dezembro de 1948, a transcrição das ‘Palavras pronunciadas pelo Professor Zigmónt Grabarski, Diretor do Grupo Escolar ‘Visconde de Guarapuava’, em 9 de dezembro de 1948, na ocasião do lançamento da pedra fundamental do novo prédio do referido Educandário’. O diretor prestou uma homenagem ao então Governador do Estado, Moysés Lupion, em agradecimento às ‘inúmeras obras e melhorias para a cidade de Guarapuava’, avaliadas como existentes graças à ação do governador. A isso o professor não economizou palavras para defender que construir escolas e contar com professores bem preparados, para o Paraná e ao Brasil, era uma das tarefas mais nobres dos governos e que o governo de então teria realizado:

Disse certa vez um estadista nosso, que todo brasileiro poderá ser um homem admirável e um modelar cidadão. Para isso, consigamos há um só meio, uma só terapêutica, uma só providência: ‘é preciso que todos os brasileiros recebam educação!’ (PALAVRAS..., 1948b, p. 2, grifo nosso).

Todavia, a existência de dificuldades era inegável. O professor observou que no município existiam 4.200 crianças em idade escolar, das quais 3.000 estavam matriculadas, restando 1.200 crianças que ‘cresciam na ignorância’. Portanto, alertou o professor, “[...] para que não tenhamos que criar cursos de alfabetização para adultos, demos escolas para os pequenos de hoje” (PALAVRAS..., 1948b, p. 2). Concluindo seu pronunciamento, o professor compromete toda a sociedade a se esforçar para a grandeza do município e do Estado, não medindo esforços para

[...] recuperar a infância, engrandecendo-a, fazendo tudo por ela para que possamos dizer que: ‘O NOSSO PROGRESSO CAMINHA PELOS PÉS DAS NOSSAS CRIANÇAS SADIAS E INSTRUÍDAS! (PALAVRAS..., 1948b, p. 2).

Esse pronunciamento, com frases publicadas em letras maiúsculas para enfatizar uma verdade, ao mesmo, valiosa e desconsiderada, reveste-se de uma grande crença na educação das crianças em idade escolar, almejando o progresso por meio do

qual não somente a cidade, mas todo o País avaliava os incrementos e as mazelas da sociedade.

Ainda sobre as dificuldades pelas quais passavam o ensino das crianças, temos na edição do dia 28 de fevereiro de 1954 do jornal 'Folha do Oeste', a transcrição de um discurso proferido pelo Deputado Antônio Lustosa de Oliveira na Assembleia Legislativa sob o título 'O ensino e os longínquos lugarejos'. No início da sua fala, o Deputado afirma:

[...] nunca é demais bater-se na mesma tecla sensível do descuidado problema educacional da criança patrícia (natural do Estado), que vive nos longínquos lugarejos do nosso Estado (ENSINO..., 1954b, p. 2).

Sublinhou-se o problema da falta de escola para atender ao crescente número de crianças em idade escolar nos arredores do município de Guarapuava. Observando as precárias condições em que se encontravam as poucas escolas do interior quanto ao espaço e à estrutura física, o deputado faz um apelo ao titular da Secretaria de Educação e Cultura: providenciar móveis e utensílios para aquelas escolas. Ele afirmava que não era admissível que um problema sobre a assistência escolar às populações do interior continuasse sem solução decidida e patriótica por parte dos administradores.

Em resposta ao pronunciamento do Deputado Antônio Lustosa de Oliveira sobre 'O ensino e os longínquos lugarejos', o jornal 'Gazeta do Povo', de Curitiba, publicou um artigo intitulado 'Crianças sem Escola'. O artigo acabou sendo publicado no jornal 'Folha do Oeste' no dia 21 de março de 1954 (CRIANÇAS..., 1954c). O teor do texto é elogioso às ações do deputado, que criticava, severamente, os investimentos financeiros do governo em obras vistas como menos importantes que a educação. Enfatizava-se, sobretudo, o fato de as crianças ficarem sem acesso ao mundo escolar. A importância dada à educação das crianças em idade escolar aparece como prioridade entre as ações a serem desenvolvidas pelo governo para o progresso do Estado e de Guarapuava.

Somadas às dificuldades estruturais da educação guarapuavana para realizar a 'missão' de bem educar suas crianças nos valores necessários ao progresso, encontramos a luta para que nas escolas então existentes os procedimentos pedagógicos fossem os mais adequados ao 'coração das crianças'.

'Imitação' (IMITAÇÃO..., 1951a) é o título do texto escrito pelo professor Zigmónt Grabarski e publicado no jornal 'O Combate' no dia 22 de setembro de 1951. Nele, o professor discute o comportamento das crianças de 2 a 3 anos, apontando que elas imitam as ações dos adultos e que,

lamentavelmente, teriam mais facilidade em imitar os defeitos do que as qualidades dos seus modelos. O autor observava que esta prática continuava a se manifestar até a idade adulta, sendo comum o adulto imitar involuntariamente a moda, os costumes, as maneiras, as crenças. Na adolescência, o professor via aparecer o que ele chamava de 'imitação ideal', em que se imitariam aqueles com qualidades físicas, intelectuais ou morais, os chamados 'ídolos'. Portanto, finaliza o professor, seria importante que a criança estivesse sempre acompanhada de bons modelos e que, por isso, fossem sempre dignas as professoras de serem imitadas. Além da responsabilidade de formar os futuros homens da Nação, as professoras também deveriam servir de modelos a serem imitados pelas crianças em suas ações e comportamentos, pois a influência que esta exercia sobre seus alunos deveria resultar na correta formação do caráter dos alunos.

Sobre a prática e a idade das professoras, escreveu Herbert Parentes Fortes um texto intitulado 'Ensino Rico Ensino Pobre' (ENSINO..., 1953b). Nele, o articulista descreveu sua juventude na escola, colocando as dificuldades do relacionamento professor-aluno quanto à diferença de idade e às atividades lecionadas. Argumentando que não era fácil causar alegria no coração das crianças, que "[...] a criança é variável, caprichosa, inquieta em relação a nós" (ENSINO, 1953, p. 2), o ex-aluno indicava as atividades que poderiam ser desenvolvidas para 'controlar as crianças', sendo elas os:

[...] esportes, passeios, reuniões, contos do nosso folclore, ginástica, exercícios de desenho livre, marchas, contacto sociais, associações de alunos e mil outras coisas bem animadas, bem distribuídas, proporcionadas aos grupos e classes, certamente não passaríamos horas a discutir futriquinhas e forçar a memória com inutilidades (ENSINO..., 1953b, p. 2).

Outra dificuldade apontada era a diferença de idade entre os alunos e professores. Ele ponderava que as professoras deveriam ser jovens, afinal era necessária muita energia e alegria no trato com os pequenos. A posição dos professores frente ao ensino era colocada nestas discussões como fator principal na educação escolar da criança pequena, estando ela em condições de absorver comportamentos e ideologias.

Todas as dificuldades explanadas nos discursos contidos nestes jornais sinalizam não apenas um diagnóstico das dificuldades estruturais da cidade: elas demonstram o desenvolvimento de um determinado olhar (pedagógico) voltado às crianças, olhar esse que intencionava não somente educar e corrigir as crianças, mas também formar

os professores e construir as escolas que ajudariam nessa importante tarefa educacional que a sociedade guarapuavana se colocava para fazer frente aos desafios socioeconômicos experimentados por toda região.

Considerações finais

Iniciamos as reflexões deste texto propondo pensar a história da infância e da educação infantil no interior do Paraná. O foco em Guarapuava durante o período de 1930-1960 foi possível pelo fato de a criança, a ação da família no trato com os pequenos e, também, a importância de elas serem ‘sadias e instruídas’ constituírem-se em temáticas intimamente relacionadas ao contexto econômico e social da cidade. Com efeito, vimos que esse contexto foi fortemente marcado pela relação entre infância, educação e modernização.

No período em foco, notamos que a questão atinente à infância e à sua educação ocupou boa parte de políticos, professores e de todos aqueles que buscavam analisar os problemas e o desenvolvimento da cidade, nem que fosse, apenas, ao lerem os jornais então circulantes. Isso nos faz pensar no modo como o tratamento dado às crianças pode ser explicado a partir de problemáticas que tocam as transformações históricas, sociais e culturais de uma determinada realidade. Tudo isso sem esquecer que o caminho analítico inverso também se colocou como possível depois das análises que fizemos: o ambiente sociocultural de Guarapuava pode ser entendido a partir das questões especificamente educacionais que tocam preceitos e práticas dirigidas à ‘boa condução’ das crianças e que eram vistos como atos a serem assumidos pelos pais, pelos professores e pelos políticos: não importava se esses ‘preceitos e práticas’ se realizassem ou nos grandes âmbitos da sociedade, do Estado, ou nos limites circunscritos de uma sala de aula e da atenção dada (ou negada) pelos pais aos seus filhos nos fugidios momentos da vida de todo dia.

Interessante foi observar a visibilidade que a infância teve nos jornais que circularam na cidade, deixando claro que refletir sobre a educação das crianças era um traço cultural de grande relevância no interior do Paraná. Esse traço, presente nos textos redigidos e publicados, também se materializou na ‘leitura’ que deles foram feitos, dando azo a um rico conjunto de ‘representações sobre infância, educação e sociedade’. Na redação e na leitura das fontes aqui estudadas, entrecruzaram-se representações sobre a ‘criança abandonada’, a ‘criança desamparada’, a ‘criança doente’, a ‘criança sadia’, a ‘criança instruída’, todas elas evidenciando esforços e problemas familiares, educacionais, sociais e políticos do contexto guarapuavano. A partir das considerações de Chartier

(2002), essas representações e as relações entre elas nos permitiram acessar os modos com que esses diferentes atores se ocuparam das crianças (ou por elas se interessavam), concebendo “[...] a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostaria que fosse [...]” (Chartier, 2002, p. 19). Pelo acesso que se tinha à imprensa da época (acesso esse ou por meio das redações de cada hebdomadário, ou por meio da leitura dos jornais publicados), também podemos inferir o teor classista dessas representações, manifesto no olhar atento que era dirigido às mazelas familiares e educacionais que redundavam na ‘vadiagem das crianças’, sobretudo das ‘crianças pobres’.

Esses aspectos sinalizam que essa dialética entre ‘ser’ e ‘dever ser’ da sociedade guarapuavana nas décadas de 30, 40 e 50, por meio do estudo da história educacional e da infância, é uma possibilidade analítica muito valiosa e, ainda, plena em possibilidades: seja pelo aprofundamento dessas questões no contexto aqui estudado; seja pela comparação entre Guarapuava e outras realidades, próximas ou distantes. Afinal, as diferentes realidades e suas idiossincrasias são conectadas pelos amplos processos de transformação/conservação social que perpassam e tem a concretude de sua existência, também, na forma como se educa a criança.

Referências

- A EDUCAÇÃO sexual das crianças. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 10 ago. 1941c, n. 82, p. 2.
- AMARAL, M. L.; HEROLD JUNIOR, C. Representações sobre a relação entre educação e modernização de Guarapuava-PR entre 1930 e 1960. **Revista Histedbr Online**, n. 38, p. 36-48, 2010.
- ANTONOVICZ VICENTIN, S.; HEROLD JUNIOR, C. **O corpo da docência**: a mulher e a constituição do ensino normal em Guarapuava (1930-1960). Guarapuava/Curitiba: Edunicentro/Fundação Araucária, 2012.
- CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CRIANÇAS do Brasil, Crianças de Guarapuava. **O Combate**, Guarapuava, 3 nov. 1951b, n. 27, p. 1.
- CRIANÇAS sem escolas. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 21 mar. 1954c, n. 27, p. 1.
- DIA da criança. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 11 out. 1953a, n. 6, p. 11.
- EDUCAÇÃO difícil. **O Combate**, Guarapuava, 26 nov. 1951c, n. 30, p. 4.
- EDUCAÇÃO e democracia. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 21 fev. 1954a, n. 24, p. 1.
- ENSINO pobre ensino rico. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 8 nov. 1953b, n. 10, p. 2.
- FESTA escolar. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 30 nov. 1941d, n. 96, p. 1.
- FESTEJOS. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 29 mai. 1960, n. 319, p. 3.

- FOI fundado, nesta cidade, o Serviço de Proteção à Maternidade e à Infância. **A Cidade**, Guarapuava, 15 dez. 1935b, n. 105, p. 1.
- HEROLD JUNIOR, C. A educação corporal no Paraná através do movimento escoteiro em Guarapuava (1927-1936). **Educação em Revista**, v. 27, p. 123-150, 2011.
- HEROLD JUNIOR, C. Escolarização e instituições educacionais em Guarapuava: lançando as bases para um programa de pesquisa em história da educação. **Revista Histedbr On-line**, v. 28, p. 214-223, 2007.
- HEROLD JUNIOR, C. Representações sobre a relação professor-aluno na história da educação de Guarapuava-PR (1915-1960). **Cadernos de História da Educação**, v. 11, p. 71-91, 2012.
- IMITAÇÃO. **O Combate**, Guarapuava, 22 set. 1951a, n. 18, p. 4.
- JARDIM de Infância. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 13 abr. 1941b, n. 67, p. 1.
- KUHLMANN JUNIOR. M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- KUHLMANN JUNIOR. M.; FREITAS, M. C. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- O ENSINO e os longínquos lugarejos. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 28 fev. 1954b, n. 25, p. 2.
- O PROBLEMA do menor. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 21 abr. 1957a, n. 172, p. 1.
- OS MENORES delinqüentes. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 7 jul. 1957b, n. 183, p. 1.
- PALAVRAS pronunciadas pelo Prof. Zygmónt Grabarski, diretor do Grupo Escolar 'Visconde de Guarapuava'. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 19 dez. 1948b, n. 2, p. 2.
- PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista Histedbr On-line**, n. 33, p. 78-95, 2009.
- PELA EDUCAÇÃO da Infância – A rua. **A Cidade**, Guarapuava, 8 dez. 1935a, Guarapuava, n. 93, p. 1.
- PELA INSTRUÇÃO Pública. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 15 dez. 1946, n. 30, p. 1.
- PELA INSTRUÇÃO. **Correio do Oeste**, Guarapuava, 27 jun. 1930b, n. 88, p. 1.
- PELA INSTRUÇÃO. **Correio do Oeste**, Guarapuava, 3 ago. 1930c, n. 89, p. 1.
- PRECEITO do dia: elogios prejudiciais. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 9 out. 1947, Guarapuava, n. 06, p. 2.
- PROBLEMAS de Guarapuava. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 3 jun. 1956a, n. 130, p. 1.
- QUE é preciso para aprender? **Folha do Oeste**, Guarapuava, 5 jan. 1941a, n. 53, p. 2.
- RESPONSABILIDADE da mulher na educação moral e cívica. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 4 jul. 1937, n. 14, p. 2.
- SCHELBAUER, A. R.; ARAÚJO, J. C. S. **História da educação pela imprensa**. Campinas: Alínea, 2007.
- SEMANA da Criança - Magnífico trabalho da Escola de Aplicação Visconde de Guarapuava. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 7 out. 1956b, n. 148, p. 1.
- SEMANA da Criança - sensacional concurso de robustez. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 6 out. 1957c, n. 194, p. 1.
- SEMANA da Educação. **Correio do Oeste**, Guarapuava, 1º jun. 1930a, n. 80, p. 1.
- SEMANA Escolar – paes, mandaes os vossos filhinhos ao jardim da infância. **Correio do Oeste**, Guarapuava, 18 jan. 1931, n. 94, p. 1.
- TEMBIL, M. **Em busca da cidade moderna: Guarapuava**: Recompondo histórias, tecendo memórias. Guarapuava: Editora Unicentro, 2007.
- UM PROBLEMA social e a sua fisionomia. **Folha do Oeste**, Guarapuava, 13 mar. 1948a, Guarapuava, n. 45, p. 1.
- WARDE, M. J. Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil. **Perspectiva**, v. 25, n. 1, p. 21-39, 2007.

Received on August 12, 2012.

Accepted on October 17, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.